

Reflexões sobre Periodização: Contributos para uma História Cultural da Madeira

Reflections on Periodization: Contributions to a Cultural History of Madeira

Paulo Esteireiro¹

Resumo

Em dois projetos de investigação recentes – um verbete sobre música, de 2018, para o *Dicionário Enciclopédico da Madeira* e uma monografia mais alargada, de 2021, sobre a *História da Música na Madeira* – confrontei-me com o problema de redigir uma história de um período temporal bastante alargado: seis séculos de atividade musical num determinado espaço geográfico, o arquipélago da Madeira.

Debati-me então com um conceito, a periodização, que tinha sido pouco central nos meus anteriores estudos, onde o período mais longo que tinha pesquisado numa monografia era de cerca de um século.

Compreendi então com maior profundidade Vitorino Magalhães Godinho, quando este afirmou não ser «possível assentar sem arbitrariedade uma divisão da história de Portugal em períodos» e que esta «divisão em períodos não pode traduzir-se em datas precisas».

Perante este problema da periodização, socorri-me nos dois projetos acima referidos da proposta do filósofo Karl Popper, inspirada no historiador Lord Acton, de que os historiadores deveriam estudar problemas de preferência a períodos.

Experimentei então estruturar os seis séculos de história da música na Madeira de várias formas, procurando, numa espécie de tentativa e erro e num vaivém entre pesquisa e redação, definir as partes principais dos seis séculos em estudo, em torno de

¹ Paulo Esteireiro é Diretor de Serviços de Investigação, Comunicação, Edições e Formação no Conservatório – Escola Profissional das Artes da Madeira, Eng.º Luiz Peter Clode. É licenciado, mestre e doutorado em Ciências Musicais pela Universidade Nova de Lisboa. Foi docente do ensino superior na Escola Superior de Educação de Bragança, na Escola Superior de Educação de Setúbal e no Instituto Superior de Ciências Educativas. Foi diretor pedagógico da Academia de Música e da Escola Profissional da Ilha Graciosa. É investigador integrado do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (NOVA/FCSH). Contacto: paulo.esteireiro@gmail.com.

problemas marcantes ou tecnologias que espoletassem mudanças de grande impacto na sociedade madeirense e cuja influência se mantivesse durante largos períodos temporais.

A síntese de toda a informação disponível foi complexa e teria sido possível estruturar a periodização de outro modo em ambos os projetos de investigação. Esta síntese corporiza-se na periodização que apresento neste artigo, que constitui somente uma proposta, entre outras possíveis, de exposição dos factos e das obras que constituem a história da música regional e dos contextos que a caracterizaram, ao longo de seis séculos.

Palavras-chave: Periodização; História da Madeira; Música.

Abstract

In two recent research projects – a 2018 entry on music for the *Encyclopedic Dictionary of Madeira* and a larger monograph, from 2021, on the *History of Music of Madeira* – I was confronted with the problem of writing a history of a rather extended temporal period: six centuries of musical activity in a given geographical space, the archipelago of Madeira.

I then struggled with a concept, periodization, which had only a small role in my previous studies, where the longest period I had researched in a monograph was about a century.

I then understood better Vitorino Magalhães Godinho when he stated that it was not «possible to settle without arbitrariness a division of the history of Portugal into periods» and that this «division into periods cannot be translated into precise dates».

Faced with this problem of periodization, I resorted in the two above-mentioned projects to the proposal of the philosopher Karl Popper, inspired by the historian Lord Acton, that historians should study problems rather than periods.

I then tried to structure the six centuries of music history in Madeira in several ways, trying, in a kind of trial and error and in a to-and-fro between research and writing, to define the main parts of the six centuries under study, around remarkable problems or technologies that triggered changes of great impact on Madeiran society and whose influence would last for long periods of time.

The synthesis of all available information was complex and it would have been possible to structure the periodization in another way in both research projects. This synthesis is embodied in the periodization that I present in this article, which is only one proposal, among other possible ones, of exposition of facts and works that constitute the history of regional music and the contexts that characterized it, throughout six centuries.

Keywords: Periodization; History of Madeira; Music.

Introdução

Ao confrontar-me com o problema de redigir um estudo sobre um período temporal bastante alargado – seis séculos de atividade musical –, deparei-me pela primeira vez com o conceito de “periodização” de forma direta. Ao procurar organizar a enorme quantidade de informação, que tinha para sintetizar e redigir no livro *História da Música na Madeira*², compreendi melhor o historiador Vitorino Magalhães Godinho quando este afirmou não ser «possível assentar sem arbitrariedade uma divisão da história de Portugal em períodos» e que esta «divisão em períodos não pode traduzir-se em datas precisas»³.

Neste artigo tenho principalmente dois objetivos. Por um lado, demonstrar que a periodização na história da música ocidental está longe de ser um campo com soluções consensuais. Por outro lado, apresentar uma proposta de divisão da história da música na Madeira com base em problemas históricos de relevo, procurando assim seguir a proposta do filósofo Karl Popper⁴, inspirada no historiador Lord Acton, de que os historiadores deveriam «estudar problemas de preferência a períodos»⁵. A periodização aqui proposta foi a utilizada no livro *História da Música na Madeira* e no verbete «Música» do *Dicionário Enciclopédico da Madeira*⁶.

Para concretizar estes objetivos, ir-se-ão apresentar e defender seis teses principais neste artigo. A primeira tese está relacionada com a literatura do domínio da musicologia no plano internacional e pode ser enunciada do seguinte modo: a historigrafia musical do último meio século ilustra a dificuldade de periodização na história da música. Para demonstrar esta tese, iremos fazer aqui uma breve e sintética viagem por alguns dos principais autores de enciclopédias musicais e histórias da música ocidentais, para observarmos como não é consensual a periodização entre eles.

² ESTEIREIRO, 2021, *História da Música na Madeira*.

³ GODINHO, 1975, «Periodização», in SERRÃO, *Dicionário de História de Portugal*, vol. V, p. 62.

⁴ POPPER, 1993, *O Mito do Contexto*.

⁵ Esta separação entre problemas e períodos é útil para se compreender a divisão aqui proposta na periodização da história da música na Madeira. No entanto, esta dicotomia tem de ser entendida apenas de forma utilitária neste contexto específico. Levanta-se aqui esta cautela visto que a mudança e a periodização são problemas clássicos da historiografia geral e fazem igualmente parte do método histórico utilizado na musicologia. Assim, esta dicotomia não significa que se defenda neste artigo que a periodização não constitui um dos problemas gerais em história (DUCKLES *et al.*, 2001, «Musicology», in *Grove Music Online*).

⁶ ESTEIREIRO, 2018, «Música».

A segunda tese está relacionada com os estudos sobre música na Madeira realizados antes do livro *História da Música na Madeira*. Aqui irão ser elencados os principais estudos e argumenta-se que em nenhum deles se propõe algum tipo de periodização ou definição de etapas históricas.

A terceira tese defende que na edição *História da Música na Madeira* se realiza uma divisão em cinco períodos, com base em “problemas históricos” e não nos períodos convencionais. De forma sintética, irão ser dados alguns exemplos para comprovar esta afirmação.

A tese seguinte assume que o primeiro período histórico apresentado no livro *História da Música na Madeira* – «Do Início do Povoamento da Madeira ao final do *Antigo Regime*» – deverá subdividir-se num futuro próximo em novos períodos históricos. É um período muito longo; quando forem realizados novos estudos sobre os séculos XV ao XVIII, será natural que alguns dos problemas ganhem mais relevância e se “emancipem” como períodos históricos autónomos.

A quinta tese defende que a divisão em cinco períodos proposta para a *História da Música na Madeira* pode ser útil para outras áreas da história cultural regional. Os problemas históricos que fundamentam estes cinco períodos são comuns entre a música e outras áreas ligadas à cultura e irá abordar-se brevemente essa relação neste artigo.

Finalmente, a última e sexta tese propõe uma perspetiva necessária e modesta sobre a proposta dos cinco períodos aqui defendida. Na prática, afirma-se que cada um dos períodos propostos foram escolhas do autor; e que poder-se-ia ter selecionado um problema central diferente, para cada um dos períodos propostos, e assim estruturar a história da música na Madeira de outro modo.

1. Enquadramento: O Problema da Periodização

Uma forma de se compreender o problema da periodização na história da música é observar os critérios utilizados por outros musicólogos na definição dos períodos históricos nas suas obras. No caso da periodização da história da música dita ocidental é habitual encontrarem-se critérios muito diversificados na identificação dos momentos de maior mudança⁷.

⁷ O autor agradece ao musicólogo David Cranmer pelas informações e reflexões gentilmente fornecidas para este capítulo, bem como ao musicólogo Rui Magno Pinto, pelos conselhos de leitura.

Entre os critérios mais comuns encontra-se a divisão por séculos, a que podemos talvez designar de “divisão cronológica”. Esta divisão por séculos terminando em “00” obedece a um sistema aritmético décimo, nada tendo a ver com os eventos, estilos ou movimentos culturais e artísticos que se possa querer narrar ou descrever num texto histórico. Um bom exemplo disso é a obra *The Cambridge History of Eighteenth-Century Music*, da coleção *The Cambridge History of Music*⁸.

Um segundo critério está relacionado com parâmetros estilísticos, existindo um conjunto de períodos com designações partilhadas ou muitas vezes derivadas da história da arte ou da literatura⁹, para além da história “geral”, digamos assim (“Medieval”, “Renascentista”, “Barroco”, “Clássico”, “Romântico”, “Moderno” e/ou “Contemporâneo”)¹⁰.

Um terceiro critério é a própria vida de um compositor. Por exemplo, o tempo de atividade de um músico de referência pode mesmo definir um período¹¹, como acontece no livro de *The Age of Beethoven 1790-1830*¹².

Um quarto critério é composto por acontecimentos marcantes política e culturalmente, como por exemplo a Reforma Protestante, que teve naturalmente efeitos relevantes na música ocidental¹³.

Finalmente, um quinto critério está relacionado com o repertório e o seu sucesso. Ou seja, os géneros musicais mais influentes são por vezes utilizados como elementos unificadores de um período¹⁴. Assim, é possível concluir que existe um conjunto variado de critérios para definir períodos na história da música.

⁸ KEEFE (ed.), 2009, *The Cambridge History of Eighteenth-Century Music*.

⁹ Como é referido no verbete «Musicology», no *Grove Music Online*: «the formalization of the concept of style drawing again on art history (Burkhardt and Wölfflin), [...] became the dominating historical idea in 20th-century musicology» (DUCKLES et al., 2001, «Musicology»).

¹⁰ BLANNING, 2011, *The Romantic Revolution*.

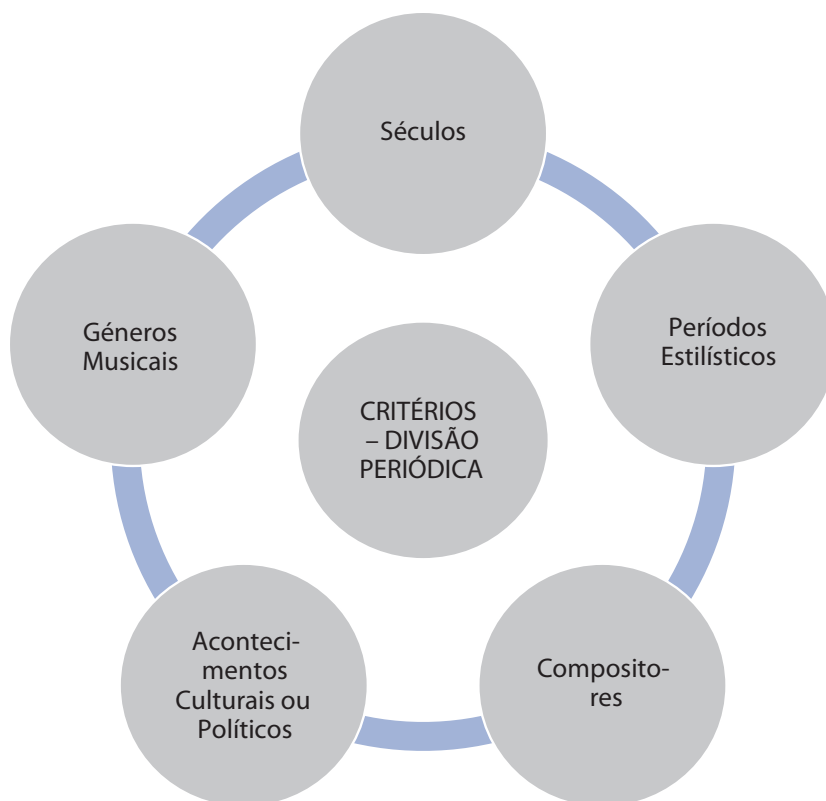
¹¹ Para a periodização e explicação dos desenvolvimentos históricos em particulares períodos, os historiadores socorreram-se frequentemente do relato da vida e atividade dos grandes artistas (DUCKLES et al., 2001, «Musicology»).

¹² ABRAHAM, 1982. *The Age of Beethoven 1790-1830*.

¹³ COSTA (coord.), 2015, *Olhares sobre a História da Música em Portugal*.

¹⁴ GROUT, 1960, *A History of Western Music*.

Imagem 1 – Alguns exemplos de critérios utilizados na definição de períodos na historiografia musical



Fonte: elaboração própria.

De uma forma geral, os autores ou editores das principais histórias da música têm utilizado uma mistura dos critérios acima apresentados e definições de limites temporais diferentes para diversos períodos históricos. É por isso defensável afirmar que a historiografia do último meio século confirma a dificuldade da periodização na história da música, bem como a natural e evidente falta de consenso em torno desta questão.

Apesar disso, os períodos estilísticos – tais como os referenciados acima – têm sido considerados úteis pelos musicólogos, há muitas décadas¹⁵. Como refere o musicólogo David Cranmer:

«[...] estas designações funcionam como meros rótulos (e rótulos, de muitos pontos de vista, discutíveis), mas não deixam, por isso, de ser úteis para facilitar a divisão do tempo, correspondendo aproximadamente a determinados paradigmas e estéticas, mesmo

¹⁵ FRANK, 1955, «Historical or Stylistic Periods?».

que estes tenham inevitavelmente as suas raízes em períodos anteriores e efeitos cujos vestígios se sentem ainda em períodos posteriores»¹⁶.

Por esse motivo é natural que na historiografia musical os autores tenham ido além dos períodos estilísticos e utilizado um conjunto de critérios variados na definição de períodos históricos. Por exemplo, o livro clássico *A History of Western Music*, de Donald Jay Grout¹⁷, publicado originalmente em 1960, com as suas várias revisões posteriores, divide a sua história em 20 capítulos, permitindo alicerçar a narrativa com base em alguns dos critérios acima definidos: séculos (divisão “cronológica”), como exemplifica o capítulo VII, «New currents in the sixteenth century», ou o capítulo XIV, «The late eighteenth century»; períodos culturais (divisão “estilística”), como referência a períodos como o Renascimento («The age of the Renaissance: Ockeghem to Josquin») ou ao Barroco («The mature Baroque: vocal music»); e personalidades, divisão com base nas datas de atividade de um “músico de referência” (capítulo XV, «Ludwig van Beethoven (1770-1827)»).

Um projeto editorial igualmente marcante nesta questão da periodização são os 10 volumes da *New Oxford History of Music*, publicados entre 1954 e 1990¹⁸. Apesar de seguirem igualmente os três critérios que apontámos no livro *History of Western Music*, apresentam uma organização diferente devido à maior extensão e divisão em 10 volumes, sendo principalmente balizada em torno de períodos estilísticos e culturais¹⁹. Dois dos volumes têm o mesmo período temporal e utilizam o critério do repertório ou dos géneros musicais como elemento de divisão e de definição de um período. Por exemplo, o quinto volume é dedicado à *Opera and Church Music (1630-1750)* e o sexto à *Concert Music (1630-1750)*. O volume seguinte, *The Age of Enlightenment (1745-1790)*, sobrepõe-se em cinco anos aos volumes VI e VII, demonstrando assim dificuldade e alguma arbitrariedade na definição dos limites dos períodos.

Uma outra série de relevo, constituída por oito volumes, é *Man & Music*²⁰, publicada entre 1989 e 1993. Esta coleção apresenta uma abordagem mais sociológica, cultural e infraestrutural e o foco é sobretudo em instituições e práticas musicais

¹⁶ CRANMER, 2012, *Unidade curricular: História da Música 1750-1820*, p. 5, não publicado. Obra consultada e citada por autorização do autor.

¹⁷ GROUT, 1960, *A History of Western Music*.

¹⁸ WESTRUP et al. (ed.), [1954-1990], *New Oxford History of Music*.

¹⁹ Como se pode observar nos seguintes exemplos de volumes, há uma divisão feita em torno de 1300 nos vols. II e III, mas contendo rótulos de períodos estilísticos: *Early Medieval Music up to 1300* (vol. II), *Ars Nova and the Renaissance (1300-1540)* (vol. III). O período histórico do vol. VIII é por sua vez organizado em torno da vida ativa de um músico de referência, Beethoven: *The Age of Beethoven (1790-1830)*.

²⁰ MCKINNON et al., [1989-1993], *Man & Music*, 8 vols.

em determinadas cidades. Apesar disso, ao nível de períodos históricos, continua a seguir principalmente uma divisão centrada em critérios estilísticos e cronológicos (séculos), conforme comprova o volume V, *The Classical Era – From the 1740s to the End of the 18th Century*²¹.

Mais recentemente, o musicólogo Richard Taruskin redigiu a série *Oxford History of Western Music*, editada em 2009-2010²². A série está dividida em cinco volumes²³, com títulos balizados por séculos, opção que é assumida como arbitrária pelo próprio autor na Introdução: I, *Music from the earliest notations to the sixteenth century*; II, *Music in the seventeenth and eighteenth centuries*; III, *Music in the nineteenth century*; IV, *Music in the early twentieth century*; V, *Music in the late twentieth century*.

Finalmente, merece ainda destaque a coleção *The Cambridge History of Music*, publicada entre 1998 e 2019, com 12 volumes publicados. Esta coleção segue uma lógica por séculos²⁴, com volumes temáticos²⁵ e um dedicado ao período medieval²⁶. Tendo em consideração que os temáticos não são relevantes para a questão da definição de períodos, torna-se claro que a divisão por séculos tem sido preferida nestas coleções mais recentes.

No caso português, as duas histórias da música de referência na atualidade foram publicadas quase na mesma altura, no início da década de 1990²⁷. No livro de Rui Vieira Nery e Paulo Ferreira de Castro, publicado em 1991, são utilizados critérios diferentes na divisão periódica consoante os autores. Nery, que coordenou as três primeiras partes do livro, utiliza períodos estilísticos tradicionais, com a introdução inovadora do Período Maneirista no caso português, entre o Renascimento e o Barroco. Castro ficou responsável pelas duas últimas partes do livro, realizando a divisão dos períodos com um critério político-cultural (parte 4: «Do fim do Antigo Regime às Raízes da Modernidade») e um critério de divisão cronológica (parte 5: «O Século XX»).

²¹ ZASLAW (ed.), 1989, *The Classical Era: From the 1740s to the End of the 18th Century*.

²² TARUSKIN, [2009-2010], *The Oxford History of Western Music*.

²³ A série tem ainda um sexto volume com cronologia, bibliografia e índice.

²⁴ *The Cambridge History of Nineteenth-Century Music*; *The Cambridge History of Twentieth-Century Music*; *The Cambridge History of Seventeenth-Century Music*; *The Cambridge History of Eighteenth-Century Music*; *The Cambridge History of Fifteenth-Century Music*; *The Cambridge History of Sixteenth-Century Music*.

²⁵ *The Cambridge History of American Music*; *The Cambridge History of Western Music Theory*; *The Cambridge History of Musical Performance*; *The Cambridge History of World Music*; *The Cambridge History of Music Criticism*.

²⁶ *The Cambridge History of Medieval Music*.

²⁷ BRITO et al., 1992, *História da Música Portuguesa*; NERY et al., 1991, *História da Música*.

Na *História da Música Portuguesa* de Manuel Carlos de Brito e Luísa Cymbron, também são utilizados títulos cujos critérios de divisão indiciam ser baseados nos períodos estilísticos tradicionais (1, «Da Antiguidade aos Finais da Idade Média» e 2, «A Alta Renascença»), em critérios político-culturais (3, «Aspectos Musicais da Expansão Portuguesa»), sendo que as últimas quatro partes apresentam claramente uma divisão por séculos (4, «O Século XVII»; «5, O Século XVIII»; 6, «O Século XIX»; 7, «Dos finais do Século XIX à Actualidade»).

Numa obra mais recente, *Olhares sobre a história da música em Portugal*²⁸, coordenada pelo sociólogo Alexandre Jorge Costa, é realizada uma divisão da história da música em Portugal em cinco grandes períodos, que foram redigidos por cinco consagrados musicólogos portugueses: Manuel Pedro Ferreira («Antes de 1500: mil anos de música em Portugal»); Rui Vieira Nery («A música portuguesa na era da Contra-Reforma: o longo século XVII»); Manuel Carlos de Brito («A música portuguesa no século XVIII»); Luísa Cymbron («A música em Portugal no século XIX: uma panorâmica»); e Paulo Ferreira de Castro («Tempo, modernidade e identidade na música portuguesa do século XX»).

Constata-se que a distribuição dos cinco períodos foi feita mormente com base no critério da divisão por séculos. No caso de Nery, reforçou-se a divisão com a forte relevância da Contra-Reforma, ao longo do século XVII, e, no caso de Paulo Ferreira de Castro, enquadrou-se o século XX em problemáticas como a modernidade e a busca de identidade.

Em suma, no caso da historiografia musical portuguesa também se observa a dificuldade de realizar uma periodização consensual, sendo dominantes os critérios estilísticos e a divisão por séculos.

2. O Livro *História da Música na Madeira: O Estudo de Problemas em vez de Períodos*

No caso do arquipélago da Madeira, há poucos estudos relevantes em que os autores tenham procurado fazer um roteiro sobre a história da música na Madeira, desde o início do povoamento no século XV. Antes do livro *História da Música na Madeira* existem principalmente três estudos que tinham essa ambição, mas são textos pouco extensos. Entre os estudos principais, o mais antigo é o realizado

²⁸ COSTA (coord.), 2015, *Olhares sobre a História da Música em Portugal*.

pelo aristocrata russo Platon von Waxel, que foi publicado no periódico a *Gazeta da Madeira* em 1869 com o título «Alguns traços da história da música na Madeira»²⁹. Apesar de ser um bom estudo, o texto tem apenas quatro páginas e por isso não tem uma divisão por capítulos ou partes principais, que indiciem uma preocupação com a constituição de períodos.

Apenas meio-século depois, já na década de 1920, surge um novo texto com o mesmo objetivo do anterior realizado por Waxel. É a entrada sobre «Música» da publicação de cunho enciclopédico *O Elucidário Madeirense*, e os conteúdos desse verbete foram quase completamente retirados do estudo de Waxel. A dimensão do texto é assim igualmente reduzida, tendo apenas algumas atualizações sobre a vida musical, ocorridas após os escritos do aristocrata russo³⁰.

Finalmente, na década de 1940, surge um outro esforço para realizar uma panorâmica sobre a história da música na Madeira, embora igualmente breve. Esse estudo é realizado pelo intelectual madeirense Alberto Artur Sarmiento³¹, personalidade que deixou uma vastíssima obra em vários domínios, mas que acrescenta neste artigo poucas informações novas.

Na prática, apesar de todos os textos referidos constituírem esforços relevantes na busca da realização de um roteiro musical extenso cronologicamente, nenhum deles teve a preocupação de estabelecer fases ou períodos para a história da música na Madeira. Assim, na fase de pesquisa e redação do livro *História da Música na Madeira* não existia propriamente uma tradição nos estudos madeirenses neste domínio da historiografia, que ajudasse a estabelecer uma periodização. De igual modo, parecia na altura uma tarefa complexa a adaptação dos períodos estilísticos tradicionais utilizados pelos autores de histórias da música ocidental ou mesmo da historiografia musical portuguesa³². A divisão por séculos, apesar de ser uma alternativa bastante comum – incluindo na historiografia geral madeirense³³ –, não foi considerada como opção, apesar de a referência aos séculos ser posteriormente

²⁹ WAXEL, 1948, «Alguns traços da história da música na Madeira».

³⁰ SILVA e MENESES, 1978, *Elucidário Madeirense*.

³¹ SARMENTO, 1965, «Santa Cecília: Protectora da Música da Madeira em 1844».

³² Um dos motivos que dificulta a adaptação ao caso da Madeira dos períodos estilísticos das histórias da música ocidentais está relacionada com a falta de fontes musicais e de estudos sobre as poucas obras musicais existentes, principalmente no período entre os séculos XV e XVIII.

³³ CARITA, [2014-2020], *História da Madeira*; VIEIRA (coord.), 2001, *História e Autonomia da Madeira*. A este respeito, ver ainda SANTOS, 2012, «À Guisa de Apresentação», in *Newsletter 15*, p. 2.

uma presença constante nos títulos dos capítulos. Neste contexto, pareceu-nos que a alternativa proposta pelo filósofo da ciência Karl Popper, particularmente a sua argumentação em defesa da posição do escritor e político liberal inglês do século XIX Lord Acton, seria apropriada ao caso da historiografia musical na Madeira: «estudemos problemas em vez de períodos»³⁴. Assim, procuraram-se acontecimentos políticos e culturais em que ocorressem mudanças significativas e as respetivas causas³⁵, para procurar definir os períodos principais da história da música na Madeira.

Tendo em consideração o elevado número de informações disponíveis – mais de 20 mil registos organizados numa cronologia com acontecimentos sobre a música na Madeira –, a maior parte pertencente aos séculos XIX e XX, estes dois séculos acabaram por se impor ao livro *História da Música na Madeira*, cobrindo praticamente quatro quintos da informação aí presente. Assim, na estrutura em cinco partes do livro, a primeira funciona na prática como um longo preâmbulo aos séculos XIX e XX, em torno do grande problema: que músicos, atividades musicais, instrumentos e instituições marcaram o *Antigo Regime* na Madeira?³⁶.

Deste modo, a primeira parte aborda a música desde o início do povoamento até ao final do *Antigo Regime*, um longo período sobre o qual ainda existe pouca informação disponível. Apesar disso, foi possível esboçar um percurso desde o século XV até ao início do XIX. É a parte em que houve uma menor necessidade de síntese e praticamente toda a informação que se reuniu foi utilizada. Ao contrário dos séculos XIX e XX, em que a informação teve de ser bastante abreviada e a tarefa de definição dos problemas mais relevantes e prioritários foi mais complexa³⁷, na primeira parte a preocupação foi conseguir realizar um fio condutor que permitisse pelo menos identificar o nome dos músicos, principais atividades, instrumentos e instituições relevantes do *Antigo Regime*, entre os séculos XV e XIX, ao longo de nove capítulos: 1, «Atividades Religiosas e Palacianas no Início do Povoamento (século XV)»; 2, «A Criação das Capelas do Capitão Donatário do Funchal e da Sé (século XVI)»; 3,

³⁴ POPPER, 2009, *O Mito do Contexto*, p. 176.

³⁵ Tal como referido anteriormente, entre os principais problemas da historiografia geral adaptados na musicologia, encontram-se a mudança e as suas causas (DUCKLES *et al.*, 2001, «Musicology»).

³⁶ Este modelo rudimentar com quatro elementos – músicos, atividades, instrumentos e instituições – é bastante simples mas muito útil para este tipo de investigação em que a informação disponível é muito fragmentária.

³⁷ Este excesso de informação levou necessariamente à tarefa de definir que informação seria relevante para o livro e qual teria de ficar de fora.

«Contra-Reforma e a Implementação das Decisões do Concílio de Trento»; 4, «Organistas e Mestres de Capela no século XVII»; 5, «Festividades Religiosas e Instrumentos Musicais»; 6, «António Pereira da Costa e a Italianização da Vida Musical do Funchal no século XVIII»; 7, «A Criação do Teatro Público de Ópera»; 8, «Divertimentos Musicais: “violas, machetes e pandeiros”»; 9, «Música em Contexto Militar».

Dos nove capítulos acima referidos, numa futura história da música na Madeira, alguns poderão dar origem a partes mais enriquecidas, nomeadamente os seguintes três: a criação das capelas e o desenvolvimento da música polifónica, na sequência da passagem do Funchal a diocese no século XVI; as consequências da Contra-Reforma; e a italianização da vida musical no século XVIII.

A partir do surgimento da imprensa periódica na Madeira³⁸, em 1821, a informação disponível sobre os entretenimentos e as atividades musicais aumenta consideravelmente. Assim, através da observação dos periódicos, foi possível deduzir que a revolução liberal teve diversas consequências relevantes na arte musical. Em resultado do elevado número de informações disponíveis, consideravelmente maior que o existente nos séculos anteriores, o problema central que se definiu para a segunda parte de *História da Música na Madeira* – «O Declínio da Música Sacra e a Era dos Clubes, das Sociedades e da Música Doméstica» – é bastante diferente do assumido na primeira parte, por ser mais específico e centrado nas consequências de um acontecimento político: de que modo o *Liberalismo* veio alterar a atividade musical na Madeira?. Apesar de nem todos os 11 capítulos que constituem este período serem uma consequência direta da revolução liberal, esta teve influência, pelo menos de forma indireta, em praticamente toda a atividade musical que decorreu entre 1820 e 1880³⁹. Esta influência é visível ao nível institucional na criação de um conjunto elevado de associações e clubes – com um novo tipo de entretenimentos, de grupos artísticos e de repertório musical –, na diminuição progressiva da relevância dos cargos no domínio da música sacra e no crescimento da música doméstica.

³⁸ A partir de 2 de julho de 1821, começou a ser impresso o primeiro jornal madeirense, *O Patriota Funchalense*, o qual foi, também, o primeiro jornal insular português, tendo sido seguido por diversos outros periódicos. A partir desta fase, a imprensa periódica passa a ser uma importante fonte para a reconstituição da história da música na Madeira.

³⁹ 1, «O Ideário Liberal: Declínio da Música Sacra e o Novo Espírito Associativo»; 2, «A Influência da Comunidade Estrangeira»; 3, «Uma Nova Arquitetura nas Casas: os Salões Privados»; 4, «O Piano no Centro de uma Nova Cultura»; 5, «O Papel da Mulher nos Salões Privados»; 6, «O Ensino da Música»; 7, «Música instrumental para Machete e viola»; 8, «Os Bailes e a Música para Orquestra de Salão»; 9, «Saraus de Beneficência»; 10, «Teatros e Salas de Concerto Públicas»; 11, «Bandas Regimentares e Filarmónicas Cívicas».

No plano musical, uma mudança tão forte como a provocada pela revolução liberal só surgiria ao longo das décadas de 1870 e 1880, altura em que começam a ser fundadas várias bandas filarmónicas, seguidas por tunas ao estilo académico, grupos de bandolins, orquestras e orfeões. O período entre 1870 e 1930 viu nascer largas dezenas de grupos musicais amadores de grandes dimensões, numa popularização da prática musical, até então inédita, que chegou às classes sociais mais baixas da sociedade madeirense. Uma segunda causa que explica uma forte mudança neste período é a inauguração do Teatro Municipal do Funchal em 1888, que marcou uma nova fase na música madeirense, com um novo incentivo à música teatral de diversas influências (espanhola, italiana, francesa, portuguesa, etc.). Este novo contexto músico-teatral incentivou inclusivamente a criação de um teatro de revista regional, em que as questões identitárias ocuparam um lugar importante, no âmbito de um contexto intelectual propício a nacionalismos e regionalismos. Assim, a questão central para este período (grosso modo de 1880 a 1930), que designámos «A Popularização da Prática Musical na Transição do Séc. XIX para o Séc. XX», pode ser resumida do seguinte modo: como ocorre o aumento da música amadora na Madeira e qual a influência da fundação do novo Teatro em 1888?

Naturalmente que, como nos períodos anteriores, as questões centrais não esgotam por completo tudo o que se passou no período aqui definido. Por exemplo, uma questão paralela que é abordada neste período está relacionada com o desenvolvimento do turismo nesta fase e com o surgimento de novas instituições sociais muito vocacionadas para esta vertente ainda hoje forte na Madeira: cafés, casinos e hotéis. Neste período surge assim uma grande variedade de cafés, casinos – incluindo no Porto Santo – e hotéis, que se tornaram a partir desta fase instituições relevantes no domínio da música, devido à presença regular de músicos a atuar nestes espaços⁴⁰.

Esta forte popularização da prática musical entra em forte declínio principalmente a partir da década de 1930, altura em que se difundem novas tecnologias que vieram destronar a música amadora, no plano dos entretenimentos: gramofone, telefonia e cinema. O próprio Teatro Municipal do Funchal, central na promoção de espetáculos músico-teatrais e de artistas virtuosos, passa a funcionar quase

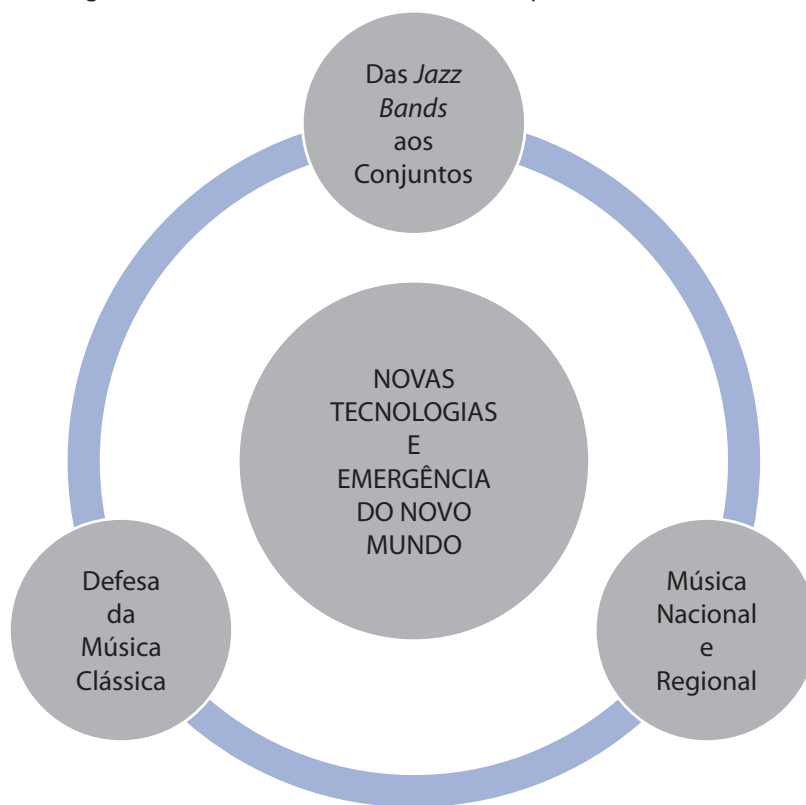
⁴⁰ Os sete capítulos definidos para este período são os seguintes: 1, «Bandas, Tunas, Orfeões e Orquestras»; 2, «As primeiras tentativas de criar uma música regional»; 3, «O cultivo de géneros nacionais: o caso do fado»; 4, «Uma reforma da música religiosa»; 5, «Cafés, Casinos e Hotéis»; 6, «A fundação do Teatro Municipal»; 7, «A emergência de um teatro de revista regional».

exclusivamente como sala de cinema a partir da década de 1930. A “Era” dos grandes grupos de música amadora chega pois ao fim, extinguindo-se então um elevado número dos grupos existentes e a própria prática musical doméstica entra em declínio, para dar lugar, nos salões privados, aos discos e à telefonia.

A entrada das tecnologias acima referidas foi culturalmente tão ou mais central, para a História de Portugal, que a própria revolução de 1926, que instituiu a ditadura. Por esse motivo, houve alguma hesitação em definir o ano de 1926 como o momento que iniciava o período cultural seguinte, visto que a década de 1930 parecia mais adequada enquanto forte mudança no domínio cultural. De qualquer modo, como se pretendia definir o final deste quarto período no ano de 1974, com a revolução do 25 de Abril e as suas consequências, acabou por se considerar que poderia ser mais coerente manter as tradicionais barreiras políticas para o quarto período: «As Novas Tecnologias e a Emergência do Novo Mundo (1926-1974)». Realiza-se aqui esta breve nota, porque o problema central – bem como as causas principais da mudança –, em torno do qual se organizou este período estão relacionados com as novas tecnologias referidas no parágrafo anterior: quais as consequências de tecnologias como a telefonia, o cinema e o gramofone na vida musical da Madeira? E o corolário: como se posicionaram musicalmente os madeirenses perante estas invenções?

Assim, perante estas tecnologias que marcaram praticamente o fim da música amadora, em contexto doméstico, organizou-se esta quarta parte do livro em seis capítulos: «A telefonia, o cinema e o gramofone», onde se demonstra o progressivo ganho de relevância destas tecnologias, nos entretenimentos da Madeira; «Da Era dos Jazz-Bands aos Conjuntos», em que se apresenta a rápida aceitação de uma nova música moderna de influência norte-americana; «Os estudos de Folclore e a identidade regional» e «Os designados Instrumentos Populares da Madeira», em que se revela a reação a esta propagação cultural norte-americana, através da criação de uma música identitária de cariz nacionalista e regionalista; «Uma reação em defesa da “música de qualidade” e de uma educação requintada», onde se mostra a existência de uma terceira via que visou manter a música clássica dos “grandes mestres”, principalmente através da organização de concertos e da criação da Academia de Música da Madeira (atual Conservatório – Escola Profissional das Artes da Madeira, Eng.º Luiz Peter Clode).

Imagem 2 – Posicionamentos musicais no período de 1926-1974



Fonte: elaboração própria.

De forma paralela, o sexto e último capítulo deste período, aborda uma questão geográfica que se tornou muito relevante nesta fase: «A Madeira nas Rotas Culturais do Atlântico». Ao longo do século XX, houve um grande incremento de rotas marítimas no Oceano Atlântico, com movimentos migratórios para a então África Colonial Portuguesa, bem como para o Brasil. Estas mobilidades tiveram uma forte influência na vida musical madeirense e na criação de novas oportunidades para os músicos regionais. Estas rotas tiveram uma forte quebra com o desenvolvimento da aviação civil e com a revolução de Abril de 1974, conduzindo-nos assim ao quinto e último período definido no livro *História da Música na Madeira*: «Desde o Pós-25 de Abril ao Início do Séc. XXI».

Tendo em consideração que este último período é marcado pelo processo de autonomia e criação da Região Autónoma da Madeira, procurou-se dar prioridade às questões políticas e institucionais, de forma naturalmente ensaística, visto que não existia qualquer estudo prévio que abordasse este período de forma sistemática, no domínio da música. Assim, o problema central definido para este

período foi o seguinte: que políticas e instituições têm marcado a música nos anos de autonomia?

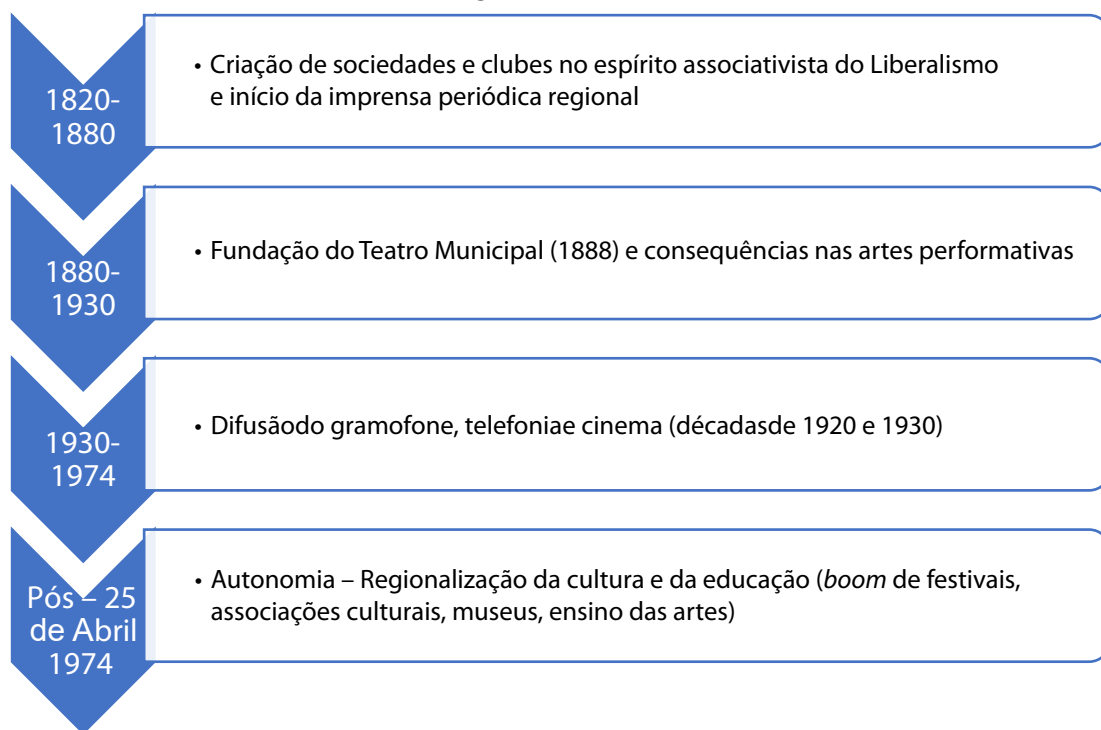
Este período foi dividido em oito capítulos, sendo que o primeiro serve de preâmbulo, apresentando algumas informações pouco conhecidas e difundidas sobre os primeiros tempos pós-revolução na Madeira e no Porto Santo. Os capítulos seguintes são mais estruturais e procuraram mostrar de forma sistemática as principais áreas institucionais: música e turismo (2, «Música nos hotéis»); música na educação e melhoria do associativismo (3, «Uma Reforma Educativa com Frutos nas Instituições Coletivas»); música e identidade regional (4, «Preservação e Difusão da Música Tradicional»); música e política cultural (5, «Política Cultural com Forte Aposta em Festivais»); música e vanguarda (6, «O Cine Fórum e a Promoção de uma Estética Contemporânea»); música clássica (7, «A Orquestra Clássica da Madeira»); música ligeira e edições originais (8, «Jazz e Música Ligeira»). Naturalmente, muitos músicos e obras ficaram de fora, mas pretendeu-se pelo menos construir um modelo que permitisse realizar um panorama da música no período da autonomia, bem como proporcionar a futuros investigadores um ponto de partida para os seus trabalhos.

3. Considerações Finais sobre a Periodização

Ao terminar esta digressão que procurou apresentar e defender uma proposta de periodização para a história da música na Madeira, talvez seja importante fazer três breves considerações finais. A primeira está relacionada com a necessidade evidente de se subdividir, num próximo trabalho – que pretenda melhorar a proposta aqui defendida –, o período «Do Início do Povoamento ao Fim do *Antigo Regime*». É um período muito longo (séculos XV ao XIX) e será natural que alguns dos capítulos do livro ganhem mais relevância e se “emancipem” como períodos históricos autónomos. Entre os três períodos que se poderão emancipar e aqui emergir destacamos os já adiantados na segunda parte. Para isso será necessário investigar fundos documentais já conhecidos, mas que estão por trabalhar de forma sistemática, de uma perspetiva musical: Cabido da Sé (Livros de Receita e Despesa); Convento de São Francisco; Convento de Santa Clara; e Câmara Municipal do Funchal.

Uma segunda consideração final está relacionada com a articulação que poderá ser realizada com áreas artísticas, tais como a literatura, o teatro ou a dança. Os problemas históricos que fundamentam os cinco períodos aqui propostos são por vezes comuns entre a música e outras áreas ligadas à cultura, principalmente nos períodos após a queda do *Antigo Regime*. Por exemplo, a criação das sociedades e clubes no âmbito do espírito associativista decorrente do Liberalismo influenciou certamente outras artes de forma significativa e prolongada. Do mesmo modo, a fundação do Teatro Municipal em 1888 parece também ter tido impacto importante em áreas como a literatura, o teatro e a dança. A difusão de tecnologias como o gramofone, a telefonia e o cinema nas décadas de 1920 e 1930 tiveram provavelmente um forte impacto no teatro e também na literatura, sendo importante aferir que tipo de mudanças ocorreram em consequência destas tecnologias. Finalmente, é indubitável que a autonomia política influenciou de forma indelével todas as áreas artísticas nas últimas décadas. Assim, é defensável propor os marcos históricos dos quatro últimos períodos da *História da Música na Madeira* como possíveis pontos culturais definidores de momentos de mudança forte e indelével numa história cultural da Madeira mais abrangente.

Imagem 3 – Possível divisão periódica para uma história cultural da Madeira mais abrangente (séculos XIX a XXI)



Fonte: elaboração própria.

Finalmente, uma terceira e última consideração está relacionada com o relativismo existente na construção de uma história. A periodização aqui realizada foi a que nos pareceu ser a mais útil na organização das informações disponíveis. Mas mesmo perante estas informações, houve muitas dúvidas e dilemas sobre os momentos de maior mudança ou até sobre o que seria artística e historicamente mais relevante nos períodos definidos. Ou seja, é evidente que cada um dos períodos propostos foram escolhas do autor e que poder-se-ia ter selecionado um problema central diferente, para cada um destes períodos. Por exemplo, no segundo período, «O Declínio da Música Sacra e a Era dos Clubes, das Sociedades e da Música Doméstica», ponderou-se se não se deveria dar mais protagonismo ao instrumento piano, que foi uma tecnologia que revolucionou por completo este período – e que não tinha uma ligação muito direta com o Liberalismo –, ou mesmo dar uma ênfase maior ao turismo do século XIX que constitui um elemento muito diferenciador da história da música madeirense. Assim, poderia ter-se designado este período como «A Era do Piano e da Emergência do Turismo». De igual modo, e apenas para dar um outro exemplo, no período intitulado «As Novas Tecnologias e a Emergência do Novo Mundo (1926-1974)», ponderou-se dar mais relevância à nova situação geográfica da Madeira, com o incremento das migrações para a África Colonial Portuguesa e o elevado aumento de artistas nessas migrações, entre os quais muitos madeirenses. Naturalmente que a escolha do que é mais marcante num período conduz a escolhas consequentes na própria organização dos capítulos, bem como na informação a selecionar e nos dados a excluir. As escolhas do livro *História da Música na Madeira* foram estas. Espera-se agora que este estudo estimule outros investigadores a corrigir os erros porventura aqui existentes e a alargar no futuro o conhecimento sobre a música, neste espaço geográfico tão importante para a história portuguesa e do Atlântico que é o arquipélago da Madeira.

Referências Bibliográficas

- ABRAHAM, Gerald (ed.), 1982, *The Age of Beethoven 1790-1830, New Oxford History of Music*, vol. 8, Oxford, Oxford University Press.
- BLANNING, Tim, 2011, *The Romantic Revolution*, London, Phoenix.
- BRITO, Manuel Carlos de e CYMBRON, Luísa, 1992, *História da Música Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta.

- CARITA, Rui, [2014-2020], *História da Madeira*, 6 vols., Funchal, Associação Académica da Universidade da Madeira.
- COSTA, Jorge Alexandre (coord.), 2015, *Olhares sobre a História da Música em Portugal*, Vila do Conde, Verso da História.
- CRANMER, David John, 2012, *Unidade curricular: História da Música 1750-1820*, Relatório em cumprimento do Concurso para Professor Associado: Edital N.º 2/2012-DR, não publicado.
- DUCKLES, Vincent *et al.*, 2001, «Musicology», in *Grove Music Online*, disponível em <https://doi.org/10.1093/gmo/9781561592630.article.46710>, consultado em 2022-07-31.
- ESTEIREIRO, Paulo, 2018, «Música», in *Aprender Madeira – Dicionário Enciclopédico da Madeira*, disponível em <https://aprenderamadeira.net/article/musica>, consultado em 31 de julho de 2021.
- ESTEIREIRO, Paulo, 2021, *História da Música na Madeira*, Funchal, Associação Musical e Cultural Xarabanda, Câmara Municipal do Funchal.
- ESTEIREIRO, Paulo, 2016, *Uma História Social do Piano: Emergência e Declínio do Piano na Vida Quotidiana Madeirense 1821-1930*, Lisboa, Edições Colibri, Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical.
- FRANK, Paul L., 1955, «Historical or Stylistic Periods?», in *The Journal of Aesthetics and Art Criticism*, vol. 13, n.º 4 (Jun., 1955), pp. 451-457.
- GODINHO, Vitorino Magalhães, 1975, «Periodização», in SERRÃO, Joel (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. V, Porto, Livraria Figueirinhas, pp. 59-62.
- GROUT, Donald Jay, 1960, *A History of Western Music*, London, J. M. Dent.
- KEEFE, Simon P. (ed.), 2009, *The Cambridge History of Eighteenth-Century Music*, Cambridge, Cambridge University Press.
- MCKINNON, James *et al.*, [1989-1993], *Man & Music*, 8 vols., London, Macmillan.
- NERY, Rui Vieira e CASTRO, Paulo Ferreira de, 1991, *História da Música*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- POPPER, Karl, 1993, *O Mito do Contexto*, Lisboa, Edições 70.
- SANTOS, Filipe, 2012, «À Guisa de Apresentação», in *Newsletter 15*, outubro, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, p. 2.
- SARMENTO, Alberto Artur, 1965, «Santa Cecília: Protectora da Música da Madeira em 1844», in *Das Artes e da História da Madeira*, n.º 35, pp. 29-30.
- SILVA, Fernando Augusto da e MENESES, Carlos Azevedo, 1978, *Elucidário Madeirense*, 3 vols., Funchal, Secretaria Regional de Educação e Cultura.

- TARUSKIN, Richard, [2009-2010], *The Oxford History of Western Music*, 5 vols., Oxford, Oxford University Press.
- VIEIRA, Alberto (coord.), 2001, *História e Autonomia da Madeira*, Funchal, Secretaria Regional de Educação.
- WAXEL, Platon de, 1948, «Alguns traços da história da música na Madeira», in *Das Artes e da História da Madeira*, n.º 28, pp. 33-36.
- WESTRUP, J. A. et al. (ed.), [1954-1990], *New Oxford History of Music*, 10 vols., [London], [New York], [Oxford University Press].
- ZASLAW, Neal (ed.), 1989, *The Classical Era: From the 1740s to the End of the 18th Century 18th Century, Man & Music*, vol. 5, London, Macmillan.